

Mais qualificados deixam o Brasil

Talentos em áreas tecnológicas continuarão a buscar oportunidade fora do País, onde há demanda e valorização, dizem palestrantes

MICHAEL SANTOS
COLABORADOR

O Brasil já perde talentos para áreas tecnológicas para outros países, e esse movimento não deve mudar no curto prazo. Esta foi a avaliação de especialistas presentes no quarto encontro do ano do projeto A Região em Pauta. O evento ocorreu ontem, no auditório do Grupo Tribuna.

Destá vez, o seminário teve como tema *O Futuro do Emprego na Região*. No primeiro painel, foi unânime que as inovações, como a inteligência artificial, impactam o mercado de trabalho, extinguindo funções, mas criando outras.

Neste processo, há demanda internacional crescente por profissionais atualizados. E, dessa forma, o Brasil vê escaparem seus melhores profissionais.

“O País vai ser uma fonte de talentos para o mundo, como é a Índia. Mas vamos perdê-los para os Estados Unidos, Canadá, Portugal e países da Europa central, que recrutam esses jovens. Os melhores alunos vão ser seduzidos”, disse o professor Carlos Alberto Arruda de Oliveira, da Fundação Dom Cabral, que embasou sua opinião em dados de um estudo internacional do Fórum Econômico Mundial. O docente foi o responsável pela análise brasileira desse relatório.

Engana-se quem pensa que o cenário trazido por Arruda é somente uma projeção. Na verdade, já existe, como confirmou Fábio Sartori, especialista em Gestão de Pessoas e pós-graduado em Planejamento Estratégico e Educador Executivo. Ele está há 13 anos à frente do Grupo Sartori, que atende empresas de ponta em recrutamento e seleção de profissionais, treinamento, desenvolvimento e pesquisa de clima organizacional.

“Já foram 12 pessoas colocadas pelo Grupo Sartori em outros países. Clien-



Em mais uma edição do fórum A Região em Pauta, discutiu-se o tema *O Futuro do Emprego na Região*. Um temor: déficit de postos de trabalho

tes daqui, com escritórios em Boston, Orlando e Miami (nos Estados Unidos), levaram contratados. Temos *case* (exemplo) sobre isto, e acredito que é uma tendência isso ser intensificado, principalmente na área de tecnologia”, declarou o especialista.

De acordo com o recrutador, diante da valorização, estes profissionais se tornam exigentes. “Se falar que a vaga é 100% presencial, você terá dificuldade de contratar os melhores. Eles não pretendem voltar nem para o (trabalho) híbrido. E, obviamente, a preferência é por vagas que paguem em dólar.”

Integrante do segundo painel do evento, o deputa-

do federal Alberto Mourão (MDB) apontou o que, em sua opinião, contribuiu para o quadro. “Este país investiu em pesquisa? Incrementou? Nós batemos palmas para quem liquidou a pesquisa. Ah, perdemos para o exterior o pouco que formamos, porque não priorizamos pesquisa.”

VAGAS FECHADAS

O debate não girou em torno, somente, da saída de profissionais do Brasil. Outro tema discutido foi a interferência da tecnologia na geração e no fechamento de postos de trabalho.

Segundo o já mencionado estudo do Fórum Econômico, que é sediado em Davos, na Suíça, até 2027, 69

milhões de empregos devem ser criados, boa parte voltada à tecnologia e ao meio ambiente, e 83 milhões deixarão de existir. Portanto, haverá um déficit de 14 milhões de empregos.

Contudo, esta não é a única preocupação. Outra é que muitos dos trabalhadores que perderão seus trabalhos não conseguirão se recolocar no mercado.

“Um percentual da população vai ficar desempregado e sem oportunidade de emprego. (De acordo com o relatório) Quinze por cento dos 83 milhões não vão ter oportunidade de qualificação. Estarão desqualificados. Serão necessárias políticas públicas para tentar minimizar este efeito nega-

tivo”, disse Arruda.

Os convidados disseram que essa situação pode ser minimizada com melhor formação. Entretanto, é um desafio, como colocou o diretor-executivo da Associação Comercial de Santos, Adalberto Corrêa, que também foi professor universitário.

“Vivi mais de 30 anos na faculdade. Sinto que a universidade está acordando para o assunto, mas tem dificuldade de reação, pois ela ainda é muito focada no passado. Ela sofre com um modelo conteudista. A universidade investe pouco na qualificação do professor para o novo desafio. É um gargalo no Brasil”, considera Corrêa.

Tecnologia afeta cotidiano e trabalho no setor portuário

■ O segundo painel do evento teve como tema *A Baía de Santista no Contexto do Emprego, Perspectivas e Cenários*. Nele, o jornalista, consultor e sócio-fundador da Data Center Brasil, Rodolfo Amaral, disse que a tecnologia já interfere nas movimentações portuárias — o que pesará na economia local e nos empregos.

“Neste momento, acontece o que se chama de despacho sobre as águas. Um navio sai dos Estados Unidos com carga. No trajeto, o despacho é realizado, e o contêiner é levado ao importador. Os pátios, que recebem por hospedagem e armazenagem (no total) R\$ 4,8 bilhões, vão ver a quantidade (de mercadoria) reduzir. Com isso, quase 19 mil empregos na atividade principal serão impactados só em Santos”, calcula Amaral.

O secretário de Assuntos Portuários e Emprego de Santos, Bruno Orlandi, fez ponderações. “O Porto segue batendo recordes. Temos preocupação com o que o Rodolfo trouxe, mas (apesar do despacho) ainda temos de tirar a carga do navio, e isso não é tão simples. Os terminais ainda precisarão de pátios para recepção das mercadorias. Resolvendo gargalos, também temos condições de trazer empresas, aumentando a capacidade do Porto.”

CADERNO ESPECIAL

Estes e outros assuntos farão parte do caderno especial de *A Região em Pauta*, que será publicado no domingo. (MS)

FOTOS ALEXSANDER FERRAZ